

GALATÉA EGLOGA.

INTERLOCUTORES

POLIFEMO. E LAURINDO.

P O R

ANTONIO JOAQUIM
DE CARVALHO.



L I S B O A,

Ná Officina de DOMINGOS GONSALVES:

Anno de 1788.

Com Licença da Real Mesa Censura.



C A R T A

A O SENHOR

ANTONIO JOZÉ DE OLIVEIRA
P O R T O ,*Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Familiar
do Santo Officio, &c. &c. &c.*

E S C R I T A

POR ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO.

SENHOR ANTONIO JOSE DE OLIVEIRA PORTO.

MEU Amigo, e Senhor, V. m. com excessivo, se bem que mal fundado empenho, me obriga com rogos a fundar essa Epigrama, em esse mesmo parto do meu discurso pobre, com interesse de possui-la, e eu por cumprir as santas leis d' amizade, e da obediencia, a finarei, e lha offereço. Não aspiro á gloria do applauso, mas sim á advertencia da censura; que aquelle nos sepulta no caos da vaidade: esta, com as brillantes luzes da razão nos faz ver o caminho do acerto. He verdade que eu sujeitei esta Obra á censura

* ii

de

de alguns Sabios, nos quaes não só se descobre a sciencia das bellas letray, mas tambem o bom critério, e a boa escolha; porém como estes, compadecidos do seu Author, poderiam dissimular alguns erros, V. m., como bom amigo, e como quem ama a verdade, sirva-se não de os desculpar, sim de os advertir, com o fructo que tira da sua applicação.

Por prova d'amizade, daquelle fiel amizade, com que V. m. me honra, e que eu tanto estimo, espero dever-lhe o favor de não deixar extrahir copias alguma da presente Egloga, pois o meu intento he não divulgalla; e por seguir este bom fundado systema, não tenho condescendido com as rogas de muitas pessoas atenciozas - que por lisonjear-me desajazão vella pública.

Não se funda a minha omissão no temor da critica, daquelle critica, que não degenera em satyro, que essa, como só deve mostrar o erro, e o modo de emendallo, me he agradável. Só me intimida, e tremo na consideração de dar ao público hũa Obra de hum mercedimento; hũa Obra, que por todas as partes publica o fraco espirito, e a ignorancia do seu Author; hũa Obra em fim, que não delecta, que não move; sei-lo elle o fim, a que deve dirigir-se a tua Poesia; e por essa razão devo escondella, e não publicalla.

Sei que V. m. para convencer-me, poderá repetir aquelles mesmos exemplos, com que já intentou persuadir-me, dizendo, que a cada passo se encontram Obras inuicis, que não repreendem o vicio, não es-

ti-

simulação no amor da virtude, e que desfigurão a formosura da bella Poesia: já humes por obscenas, inficionando a pureza da santa honestidade; outras por satyricas, insultando com infâmia o amarel credito. Oh quanto he lamentazel este erro! E quanto irreparavel este damno! Dirá, que a minha Obra se não espalha a sã doutrina; tambem não ferren o pernicioso vicio, e que por esta razão póde ser tolerada: concedo; mas como tambem vemos tantas, e tão bellas composições Poeticas, que por delectáveis, instructivas, e moralizadas são dignas do nosso applauso, da nossa imitação, e eu, por mais que forceje, não posso immittalax: he melhor que occulte a minha ignorancia, do que sujeitalla aos golpes da impia mordacidade.

Em fim, Senhor, concluo com implozar a V. m. o perdão desta indigna offerta, a qual incoemente he sítio da obediencia, que a V. m. consagro: e lhe rogo, que se digne de continuar-me os seus honrosos preceitos, para que eu na careença delles não preste ser

De V. m.

(1) mais reverente, e obsequioso criado

Antonio Joaquim de Carvalho.

CAR.



R E S P O S T A.

SENIOR ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO.

M 11. vezes agradecido lhe beijo as mãos por esta preciosa offerta, que me faz, justificando prova do sincero affecto, com que me trata, e bem merecido obsequio da fiel amizade, com que lhe corresponde. V. m. que assim o tem experimentado, não discordará desta verdade.

Ei, meu Amigo, e Senhor, estimio tanto os seus excellentes versos, que apenas me vi na posse desta Egloga, larguei por alguns dias as minhas applicaçoens, e me dei todo á sua leitura, na qual achei tão excellente sabor, que me obrigou a fazer o conceito, de que esta era a Obra Poetica, que teubo encontrado de melhor gosto, e mais digna d'estimação; porém como aquella natural inclinação, com que sempre vejo as suas Obras, poderia em mim ter produzido alguns effeitos d'humu cega paixão, procurei acôr a veridade nos votos d'alguns amigos; e já os pareces ouvir com attenção; e foram tão bem ajustados ao meu

sentimento, como o justificaõ alguns Sonetos. Dissertações, Apologias, e outros manifestos, e eruditos elogios, que eu poderia juntar a esta, o que tudo, a pesar da sua repugnancia, indispensavelmente m'obriga a fazer pública humna tao bella, e proveitosa compozição.

Eu bem sei que esta resolução se lhe fará hum pouco pezzado, vista a contraria em que V. m. ha tanto annos presiste; mas nao acho razao, para que V. m. neste caso se nao vença na sua escriptulosa resistencia, a qual nao deve fazer que injustamente se occultem as bellezas; assim desta, como d'outras muitas Obras suas: que todas podem offerecer ao publico a maior utilidade. Em conclusao, eu nao pretendo persuadir, e menos coaccionar a V. m. nesta parte, pois seria claramente offender o seu genio tao docil, sociavel, e attento; só assim firmemente confio, em que ponderando V. m. o que lhe relato, nao ha de desapprazar o meu intento, nem tao pouco em peña desta apparente desobediencia, negar-me a honra, que me prometterem os seus preceitos, os quaes com o maior gosto sempre executarei, pois sou.

De V. m.

Amigo tao sincero, como obrigado

Antonio José de Oliveira Porto.

GALATEA EGLOGA.

INTERLOCUTORES:

POLIFEMO,
E
LAURINDO.



LISBOA,

Na Officina de DOMINGOS GONSALVES.

Anno de 1785.

Com Licença da Real Mesa Censória.

Q. A. L. A. T. E. A.

A. G. L. O. G. A.

L. O. L. I. E. M. O.

L. O. L. I. E. M. O.



A. H. E. I.

L. O. L. I. E. M. O.

L. O. L. I. E. M. O.

L. O. L. I. E. M. O.

GALATEA

EGLOGA.

POLYFEMO.

A ! Campos, campos meus! Vós que algum dia;
 Me serviris de amavel companhia;
 Vós, que os nuviões daveis ao meu canto,
 Preslei mos hoje para ouvir meu pranto;
 Se bem, que assaz me custa mágoa-vos,
 Depois de com meu canto delectar-vos;
 Mas eu adonçarei a vossa mágoa,
 Dando vos de meus ollios rios de agoa:
 Com ella floreçei para os onvintes,
 E á custa do meu mal vivei contentes,
 Que eu não vos lograrei, não; nem já agora
 A minha morte póde ser demora:
 Os Cuxas mandem, que em tormentos fortes
 Hume morte he melhor, que muitas mortes.

A' ! Campos, se vos fôsseis animados,
 E ponderasseis bem os meus cuidados,
 De mim aprenderieis, que a ventura,
 Ao que nasceo feliz, he que procura;
 E áquelle, que nasceo já desgraçado,
 Sempre lhe foge com semblante irado.

Mas quem he, que este monte vem subindo?
 Pelo traje he Pastor, sim, he Laurindo,

A ii.

Que

Que tal vez magoado d' esentar-me,
 Quer meios procurar de consolar-me:
 Em vão, em vão se canga, se o intenta:
 Que em vez de alivio dar-me, a dor me aumenta.
 Agora mais me vejo impaciente,

Que ate me afflige a vista de hum vivente:
 Mas elle vem, não posso resistir-lhe,
 Já não posso esconder-me, nem fugir-lhe;
 Se fujo desta parte, ha ribanceira,
 Se daquella, me affogo na ribeira;
 Pois nella acabarei, morrer não temo;
 De humo só morte acaba Polifemo.

Laurindo. Detem-te, amigo, espera, que fazias?
 A ti melhoas matar te portendas?
 Seres contigo mesmo impio tiranno
 Para hum damno evitar com maior damno?

Polifemo. Deixa, deixa que eu morra por picdade;
 Porque morrendo, evito a crueldade
 Dos impios Deozes: A'! Viver não quero,
 Pois vida tão penosa não tolço:
 Tu contarás á falsa Galatée,
 Que por ella me expuz á morte fta;
 Porém no peito o coraçáo me estalla,
 Vendo que Acis tiranno ha de logralla:
 Mas logre-a, logre-a embora, ó que tormento!
 Que eu só por tal não ver, morrer intento.

Laurindo. Socorrega, amigo, com prudencia aprende
 A não morrestes, por quem só te offende:
 Nesses teu louco excesso mostrar queres,
 Que ainda não sabes bem, quem são mulheres:
 Queres vingat-te d'ella sem cuidado?
 Deiprezon-te, deipreza-a; estás vingado.

Polifemo. Desprezar Galatêa, e offendê-la,
Quando dezejo só morrer por ella!
Isto não, que depois de eu adoralla
Valor não tenho para maltratalla:
Materia-me embora seus crebis rigores,
Que eu sempre hei de mostrar-lhe os meus amores.

Lourindo. Conheces que te offende essa prejara,
E ainda morres por ella? O' que loucura!

Polifemo. Sim, amigo, traidora a considero;
Mas como lhe quiz êem, ainda lhe quero:
Eu não lhe amo o rigor, sim a belleza,
Que he parte singular da natureza:
Tu, que a conheces, vê se razão tenho
Para adoralla com tão grande empenho:
O lindo rosto, aquelles olhos bellos,
Tão matadores, que em chegando a vellidos,
Parece que do rosto lhe saltavaõ,
E que para não vellidos me cegavaõ:
As louras tranças, êem como douradas,
Sobre seus alvos humeros espalhadas,
Se as costas me voltava por desprezo,
Como que a ellas me levava prezo:
Nas lindas faces se me figuravaõ
Duas papoilas, que entre a neve estavaõ.

A boca, que em conceitos sempre seerta,
Parecia huma roza meia aberta;
Mas quando grave, e graciosa ria,
O' quanto entao mais bella parecia!
Mostrando os claros dentes, que esmaltavaõ
Seus beijos, que de nacar se formava;
E co' a forma do rizo as faces bellas
Duas covas faziaõ como estrellas.

As mãos por engraçadas , e pequenas
 Pareciaõ formozas allucenas ;
 Mil vezes quiz beijar-lhas ; porém ella ,
 Que o damno prevenia na caurella ,
 Escondendo-as , de mim mais se assustava ,
 Que até nisto ser casta bem mostrava.

Estas bellezas , esta honestidade -
 Foraõ prizoens da minha liberdade ;
 E quanto as lindas mãos mais me negava ,
 Tanto as doces prizoens mais me apertava ;
 Mas n'uma festa vi , que ella dormia
 Junto do pote , que na fonte enchia :
 Vou-me pe ante pé , e indo a beijar-lhas ,
 Me arrependi , porque temi manchar-lhas ;
 Nem só para pegar-lhe valor tinha ,
 Porque mãõ tão grosscira , como a minha ,
 Não devia tocar aquella neve ,
 Que só com outra igual tocar-se deve ;
 Mas immovel fiquei , pois só gostava
 De ver a bella açcãõ , em que ella estava.

O branco rosto sobre o curvo braço ,
 Outra mãõ tambem curva no regaço ;
 O corpo reclinado sobre a fonte ,
 E a curta sombra , que lhe dava o monte ;
 Só metade do rosto lhe cobria ,
 Que muito mais formozia inda a fazia.

Eu , que só me detinha em admiralla ,
 Sem que riveisse intento de acordalla ;
 Como de gosse estava arrebatado ;
 Sem que eu sentisse , cae-nx o cajado ;
 Lá lhe nos pés , acorda ella affustada ,
 Vê-me , levanta-se , e com voz irada

Me diz: Vil, só comigo: Que fazias?
 Dize: Acazo offender-me perrendias?
 Se por gigante tentas de vencer-me,
 Matar-me poderás, mas não render-me;
 Que a minha honestidade he tão constante,
 Que não cede á violencia de hum gigante.

Dirás, que sou mulher, isso te ampara;
 Que a ser homem; melhor te castigara.

Não, (eu lhe respondi) não te offendia;
 Nem de ti outra coisa pretendia.
 Mas, do que ao menos, pois te não ingrava:
 Ver-te, e lo com te ver me contentava:
 Se visto te offendi, ou me desculpa,
 Ou me castiga, se me achares culpa;
 Que se eu ta tua mãe for castigado,
 Serei ditoso, se antes desgraçado.

Mas dize-me, Pastora, tu me amaste,
 Porque razão, sem culpa, me deixaste?
 E se indigno me achavas para amante,
 Porque juraste de me ser constante?
 Que resposta daria a sementida?

Vai-te longe, (me diz) que chorrecida
 Até de ouvir-te estou, nem posso dar-te
 Maior motivo de hoje desprezar-te.
 Se não só, porque todo o men affecto
 Mudei-o já para mais digno objecto;
 Em fim, tu já não es do meu agrado;
 Isto basta, estás já desenganado.

E com este rigor aquella impia
 Foge: Chamo-a, mais ella me fogia:
 Em vendo-a ir tão bella, quanto irada,
 Corpo gentil, cintura delicada,

A ssieta exclama : A' ! Dezmamada fera !

Nunca te eu vira , ou nunca te perdêra.

Laurindo. Ainda louvas a ingrata por formoza ,
Quando enorme se fez , sendo aleivoza ?

Polifemo , se queres ser discreto ,

Não recordes a offensa , nem o affecto ,

Que o affecto tambem o tempo o gasta ,

E a offensa quem ta fez ? Foi mulher , basta ;

Que á razão nunca os olhos tem abertos ,

E sem luz que fará ? Mil dezacertos ;

Por isso aquelle , que extremoza á trata ,

A paga , que lhe dá , he ser-lhe ingrata.

Bem como o bravo lobo carniceiro ,

Que vê , que a innocencia de hum cordeiro

Não póde entranhas ter para aggravallo ,

Por isso mesmo quer despedaçallo ;

Mas se este acha hum rafeiro , que o extingue ,

Tambem ella achará que hem ta vingue ;

E no entanto o melhor he esquecêlla ,

E se possivel for , nunca mais vêlla.

Polifemo. Tambem deixar de a-ver he impossivel ;

Porque a não vêlla , a dor mais insoffrivel

Creio , que dentro n' alma padece ,

Como a flor , que sem Sol murcha , e não cresce.

A' ! Se eu agora a vísse , e lhe fallásse ,

Tal vez que a meus genidos se abrandásse ;

E póde ser que a achasse arrependida

De perder quem por ella perde a vida.

O quão feliz seria a minha sorte ,

Se ella abrandásse aquelle genio forte !

A traicão , que me fez , lhe perdoava ,

Se conhecesse que outra vez me amava :

Tudo, tudo por ella perderia;
 Sem gado: sem choupana ficaria;
 Sugeitar-me-lia pelos seus amores
 A viver das esmolas dos Pastores;
 Pois sem logralla tudo he penozo,
 E logrando-a, sem pobre, mas ditozo.

Laurindo. Se amas com tanto extremo a huma traidora,
 Que mais fizeras, se fiel te fora?

Polifemo. Esta alma, que anima, se pulesse,
 Creio que em paga d' esse amor, lha d'elle.

Laurindo. Amando-te era justo premialla;
 Mas desprezando-te, he loucura amalla:
 Sim, que o homem não mostra ser discreto,
 Amando-a a falta, que tem outra objecto;
 Pois daqui nasce a mancha da dezonza,
 E antes se perca a vida, do que a honra.

Que se havia dizer na nolla Aldêa,
 Se depois d' essa infame Galatêa,
 Por outro te deixar, tu a bulcastes,
 E esquecidos d' attonta inda a estimastes?
 E não tremias, não te envergonhavas
 De dizerem que a honra desprezavas?
 Ah! Querias do amor ser arrastado,
 Perdendo a fama, e credito de honrado?
 Dize, responde, a falta não escondas
 Mas ou me vence, ou nada me respondas.

Polifemo. Nada responderei por defender-me,
 Pois por sabio chegastes a convencer-me,
 Se a paixão me cubrio de escuridade,
 Tu me mostrastes as luzes da verdade:
 Agora já conheço que esta ímpia,
 Mais fera, que o dragão, que o monte cria,

Nem amor, nem piedade já merece,
 Pois por outro me deixa; e assim se esquece
 Da fé, que me jurou, e da lealdade,
 Com que sempre a tratei: que a falsidade
 Não podia caber num peito amante;
 Que ainda offendido mostra ser constante:
 Eu, que até ás Pastoras, quando as via,
 Nem ainda o Céo vos guarde lhes dizia;
 E se aczoz de longe as avistava,
 Por lhes fugir a estrada rodeava:
 Tudo isto por força áquella intencão,
 Que só tão sem nome he bem lhe chame;
 Por que a saber que ás outras eu fallava,
 Não julgasse que alguma me agradava,
 Porém que premio vias a tirar disto?
 Sabes o que, com todos ser malquillo;
 Desprezarem-me todos, ver-me agora
 Aqui, só, sem amigos, nem Pastora;
 E a falla, tanto extremo desprezando,
 Amar outro, e ficar de mim zombando!
 E soffro tal injuria sem vingar-me!
 Poderci soccegar sem despicar-me!
 Não, não soccegarei, que hum peito irado
 Soccega só depois d' estar vingado.
 Sim, vou já despicar-me... Mas que intento!
 Que faço! Aonde vou! Que pensamento
 He este que me occorre! O' quanto errado
 Gira o discurso de paixão cercado!
 Eu vingança intentar! O' que vileza!
 Naquella rara imagem da belleza
 Desbarregar o golpe penetrante!
 E havião ver meus olhos nesse instante

Aquelle

Aquelle brando peito traspassado :
 O rolo, bem qual Sol quando eclipsado !
 E os olhos, que daquelle Sol são raios,
 Perdendo a luz na sombra dos desmaios !
 Aquellas lindas faces tão coradas
 Eu podêria vellas desmaiadas !
 A boca rohibida, e gracioza,
 Bem qual entre jasmims a líndea roza
 Eu teria valor, teria vida,
 Para vêlla sem graça amortecida !
 E havião escutar-lhe os meus ouvidos
 O pranto, os ais, e os ultimos gemidos
 Com voz balbuciente, e a cada instante
 Vella tremula, atilicta, e delirante,
 Sem alento, sem cor, desfalecida,
 Dando hum suspiro, e acabando a vida !
 O' Céos ! Que horror concebo em ponderallo !
 Eu tremo, geio-me, e de dar estallo :
 Que coração tão barbaço haveria,
 Que obrasse tão enorme tirannia ?
 Eu teria valor, se a offendelle,
 Para vêlla morrer, sem que eu morresse ?
 Não, não teria tanta impiedade,
 Que vendo cair morta humas deidade,
 Não me fuisse desse insano peito
 O duro coração de dor desfeito.

Nem mais contemplar quero tal desgraça ;
 Que parece que o Céo já me ameaça,
 Que a terra vejo abrir, que já consigo
 Se abate, e me confunde por castigo.

A ! Minha Galates, vive embora,
 Bem que me deixes infel, traidora :

Ainda te amo, se bem que o não mereças;
 Eu padega, mas sem que tu padegas:
 Vive feliz, e logra o teu amante:
 O justos Ceus, que dor tão peneirante!
 Mal posso respirar, que até o alento
 Me soffoca a violencia do tormento.

Vai-te, amigo, e me deixa só hum pouco,
 Que eu não estou em mim, tu estuu louco;
 O! Venha embora a morte rigorosa
 Acabar-me esta vida tão penosa.

Laurindo. Deixa, amigo, esse louco desvario,
 Que o ser de homem deslustra, offende o brio:
 É que o mundo disseste pertencias,
 Que por humna mulher enlouquecias?

Polifemo. Também dirá, que me altera a offensa,
 Pois tolero a inimiga na presença.

Laurindo. Perdoadando-lhe tu por generoso,
 Que ha de o mundo dizer? Que és virtuoso.

Polifemo. Perdoar humna offensa, he acção de honra;
 Mas soffrer, que prezista, he só desonra.

Laurindo. Perdoar humna offensa, he só prudencia;
 Mas soffrer, que prezista, he paciencia,
 He virtude a maior; he caridade,
 Que só nasce de entranhas de piedade:
 É quando esta razão não te venceste,
 Para que ella de ti perdas reveste,
 Deves saber, que he prova de fraqueza
 Empunhar armas contra humna belleza;
 É se toda a que he falla, se extingua,
 Poucas mulheres já no mundo havia.

Sim sim, agora deves desprezalla;
 Que he o modo melhor de castigalla;

Tal-

Talvez que assim te busque inda algum dia;
 Mas tu, lembrado estas d'aleivozias,
 Deves, uzando de honra, e de cautella,
 Voltar lhe as costas, e fugires della:
 Tu te acreditas, sendo despezada,
 Vingado ficas, e ella despezada.

Polifemo. Esperar que me bulque, tal não quero,
 Pois mais me offende quanto mais espero;
 Mas perdoadá está, que eu lhe perdoo,
 Pois da sua belleza me coudo o;
 Também, porque talvez seja innocente,
 Se nem que a culpa a acuze delinquente:
 Galetá he honesta, he recatada;
 Pois quem duvida fosse requestada:
 D' aquelle Azeis traidor, e que enganasse
 Com vas promessas, para que o amasse.

Lourinda. Isto he bem cruel, que a mulher honesta
 Só aiaa, porque o homem a requesta;
 Se bem, que o rogo algumas não convence,
 Mas a dadiua a quazi todas vence.

Polifemo. Sim? Pois hoje verás que a minha ira:
 Só contra aquelle infame se conspira:
 Elle, por me arrancar de amor a palma,
 Me roubou a doce alma de minha alma,
 Luz dos meus olhos, qual brillante estella,
 Que luz me dava para poder vella,
 A quem tantas manhãs busquei no monte,
 Como quem busca a aurora no Orizonte:
 E só quando ella do cazal' sahia,
 He que eu julgava ser nascido o dia:
 Luz em fim, cara vida, alma estimada,
 Tudo perdi, perdendo a minha amada:

Tudo

Tudo elle me rouhou ; porém protesto
Fazer o seu castigo manifesto
Ao Céo, á terra a todos os viventes :
Elle me offende, as culpas são patentes ;
Pois o proprio delicto he que o condemna,
A que segundo a culpa, fura a pena.

Laurindo. Queres que a morte de Acis justifique
Hum cega paixão, hum vii deliquio?

Polifemo. Quero, por que da injuria não se gaxe ;
Que o proprio sangue a sua culpa lave ;
E se neste lugar já o apanhára,
O coração do peito lhe arrancára.

Laurindo. Dize, se a Galatêa perdoastes,
Depois que a culpa enorme lhe provastes,
O Pastor, que he tal vez menos culpado,
Por que não he como ella perdoado?

Polifemo. Ella sim me offendeu, mas obrigada,
E merecc perdão por violentada ;
Mas elle não he digno de clemencia,
Pois mais culpado ellá pela violencia.

Laurindo. Não he ella a violencia, que he culpavel,
Por que he filha do amor, excessô amavel ;
Excessô a cada instante praticado
Por quem ama, e pertence ser amado.

Polifemo. Assim se obra ; mas sempre he falsidade,
Quando offende as leis fiantas d' amizade.

Laurindo. Que muito he faltar elle a lei do amigo,
Se ella deixou de ser fiel contigo?

Polifemo, diz-se mais prudente ;
Vence te e te, se queres ser valente ;
Eu teu amigo sou, eu sou mais velho,
Tu, que és mais moço, toma o meu conselho :

Em mulher nunca faças confiança,
 Desterra a ira, fuge da vingança,
 Que esta inquieta, aquella te amansa;
 De qualquer dellas sempre vem ruína.

Males, que tu não queres supportallos,
 Não deves para os outros dezesallos,
 Que ás vezes são, qual pedra despedida,
 Que no inclino que a deita, abre a ferida:
 Queres a morte de Aéis? Não penderas
 Que pode em ti cair, e nelle a esperas?
 Teme o Céo, e suspende a fatal ira;
 O Céo, que a vida dá, só elle a tira;
 Só elle sobré as vidas tem dominio,
 E não deves oppôr-te ao seu designio;
 Nem ahiás vingar-te levemente
 Poderás, sem que fiques delinquente;
 E contra o Grande Author da natureza
 Resistencia não ha, não ha defeza:
 Treme, treme de o veres irritado,
 E não faças que a mão levante irado.

A'! Já mudas de cor, tremes, e pensas?
 Pois a ti melinó espero te convenças.

Polifemo. Tremo da confusão, e de mim tremo;
 Os castigos do Céo respeito, e temo;
 Mas o affeito, a paixão, e honra, a offensa
 Não me deixão arcar, em que eu me vença:
 Vejo a justa razão, quero leguilla,
 Mas a paixão vem logo destitilla;
 Que este meu coração nunca detença
 De chamar-me ao caminho da vingança.

Lauvinto. Qualquer paixão, qualquer impaciencia
 Se vence com discurso, e com prudencia.

Polifemo. Taõ desgraçado sou, que neste empenho
 Nem já discurtio, nem prudencia tenho:
 Quem vio tão enredado labirinto
 Como este, que na idea, e n' alma liato
 Deozes, se jektos sois, ou dai me a morte,
 Ou me livrai de confusão tão forte:
 Eu se vingar-me vou, me precipito:
 Porque aos Deozes offende o meu delicto:
 Se allento em perdoar; não perixero,
 Porque em vendo o offensor, logo me altéro;
 Porém hum novo meio já me occorre:
 Melhor acerta, quem melhor discorre:
 Eu não quero offender ao Ceo piedozo,
 Mas para não vingar-me do aleivozo,
 Fugirei delle para mais não vello,
 Que fôra o mesmo vello, que offendello.
 Deixarei estes montes; estes prados,
 Que a verdura me davaõ para os gados;
 Irei viver nas mais occultas brenhas,
 Onde gente não veja, mas so penhas:
 Da vingança, e d' afronta assim me privo,
 E ninguém sabe se sou morto, ou vivo.

Laurindo. Rezolves bem, amigo, sim, he justo
 Fugires do perigo a todo o custo;
 Porque butea a desgraca todo aquelle,
 Que vendo o clamino, não se aparta d'elle:
 Perca-se a Patria, perca-se a fazenda,
 Perca-se tudo, e nunca o Ceo se offenda.

Tu sim perdes lavouras, e o sertão
 Mas o Ceo, que elles bens te havia dado,
 Te dará novos campos mais extensos,
 Donde possas collier frutos immentos:

Quem

Quem perder pelo Cco fique esperando,
 Que em vez da perda, ficará lucrando:
 Se a tua choça perderes, caro amigo,
 A minha he grande, vivirás comigo:
 Para a tua lavoura dar-te-hei terra
 Da campina, que tenho, além da Serra;
 Dar-te-hei duas palmeiras mui fructuosas,
 Donde colhas as tamaras gostozas;
 Dar-te-hei duas formozas avelheiras,
 Grossas sepas, algumas oliveiras;
 E do mais fructo, que o Cco der, pendente
 Repartiremos ambos firmemente.

Para o gado lá tens vigoza relva,
 Lá tens para o recreio a linda selva,
 Onde acharás hum bosque mui sombrio,
 De humna parte arvoredo, d'outra hum rio:
 Alli se ouvem os passaros cantando,
 Alli se escuta o rio murmurando,
 Nelle andão de continuo os pescadores,
 Nelle pescaõ tambem alguns Pastores
 O saboroço peixe á longa cana;
 Ou com o iscado anzol, que mais o engena:
 Em fim, he campo ameno, he delectavel,
 Fructuoz a terra, o clima saudavel:
 Lá vivirás, amigo, descansado,
 Sem ver a cauza do mortal cuidado;
 Pois naquella distancia por extensa
 Não vês n'offensor, nem vês a offensa.

Pedrisco. O' doce amigo, amigo verdadeiro!
 Tu foste dos Pastores o primeiro,
 Que me soube vencer; lo tu, Laurindo,
 Me mostraste a razão; e destruido

Da minha alma as paixões , e o furor cego ,
Te cançaste até pôr-me em bom furego.

O' grande , o raro exemplo d' amizade !
O' coração gorado de piedade !
Dêspido d' ambição , e d' avarcza ,
Só inclinado á mísera pobreza.

Deixa , que por mostrar-me agradecido ,
A teus limrados pés chegue abatido ,
E esta boca , por quem lêrás louvado ,
Beije o chão duro , dos teus pés tocado.

Laurindo. Suspende , Polifemo , tu não pertendo
A tua gratidão , antes me offendo
De a meus pés te prostrares abatido ,
Acatamento só ao Ceu devido.

Polifemo. O' quanto es digno de louvor completo ,
Por liberal , humilde , e por discreto !
Aprenda o avarento ambiçãozô
A ser mais liberal , mais caridozo :
O que da tanta , e mísera pobreza
Foge , como quem foge da vileza ;
Veja que o rico , o poderozo , o nobre
Tal vez chegue a pedir esmola ao pobre :
Elle que as minas abre , e colhe o ouro ,
Julgando a vida ter no seu thezouro ,
Veja que a vida , e ouro n'um momento
He como o fumo , que o consome o vento :
Siga os teus passos o soberbo inchado ,
Que julga que a ventura tem ao lado ,
Olhe que a lecca o grosso rio esgôta ,
E ate com vento o cedro se derrota.

Longe , longe de nós , á vicio surte ,
Vicio mais sêo , do que a sêa morte.

Laur.

Laurindo. Não terá parte em nos vícios damnados,
Nem pizarão a flor dos nossos prados;
Que esta lá, que nas cobre, esta pobreza
Contra o vício nos ferre de defeza.

Vamos gozar a santa paz ditosa,
Vamos colher a fructa laborosa
Da minha bella Aldêa. Vem, amigo,
Que eu não me azeito, sem que vás comigo.

Polifemo. Vamos; mas a Laurindo, quem diria
Que por hunta mulher, por humna impia
Eu havia deixar a minha Aldêa,
E ir d' ellelhas viver na terra alheia?
O' triste Polifemo! O' desgraçado!
Do ti dever queixar-te, e não do fado:
Em mil exemplos o perigo viste,
Devias fugir dellô, não fugiste.
Pois agora o teu erro irás pagando,
E o damno sem remedio lamentando.

Tome exemplo de mim, o que ama cêgo,
Julgando ter no amor todo o soccego,
Veja a minha desgraça, e tema o damno,
Que sempre nasce desse amor profano:
Não prenda a doce, a amavel liberdade,
Já que o Céo lhe quiz dar livre a vontade;
Fuja do amor; e guarde esta doutrina,
Se quizer viver longe da ruina;
Mas é! Nem já do amor quero lembrar-me,
Que he facil outra vez precipitar-me.

Adeos, ó campos meus, campos amados,
Que me davas o fructo, e pasto aos gados,
Já não hei de ferir vossos ouvidos,
Nem já respondeis a meus gemidos.

Adeos, ó rio meu, que me obrigaves,
Quando ao meu gado tuas agues davas;
Mas pago ficas, que essa grossa cochenille
Aumenta dos meus olhos a corrente.

Adeos, placida fonte, onde algum dia
Se alegre rias, eu alegre ria;
No prazer te imitei; mas hoje afflicto
Só no pranto, que verto, he que te imito.
Lembra-te, ó fonte, que á cruzei Pastora,
Essa que sem razão me foi traidora,
Por ti jurou, que essa agua lhe faltasse,
Se ella de amor a pura fê manchasse;
Agora deves, pois falton perjura,
Por castigo negar-lhe essa agua pura;
Como ella contra si justica pede,
Ou procure agua longe, eu morro á sede;
Mas á! Que digo! He crueldade;
Não, não lhe negues agua por piedade,
Tem della compaixão, dá-lhe desculpa,
Basta só que a castigue a propria culpa.

Adeos, ó prado ameno; as flores bellas
Eu te roubei para tecer capellas;
Perdoa-me, e tal vez queinda melhores,
Que á custa do meu mal terás mais flores;
E apague a minha culpa, que te aggrava
Este pranto, que humilde os pés lava.

Adeos, Pastores, doces companhias
Dos meus passados, e felices dias;
Porém dias são breves, quanto he breve
No Inverno a calma, no Verão a neve;
Se o meu canto apreendesses algum dia,
No tempo da ventura, e d'alegria,

Hoje do meu desgosto, e do meu damno
 Poderis lucrar mais util de zengano,
 Vendo, por breve ser minha ventura,
 Quanto a gloria do Mundo pouco dura;
 Que apenas nos faz ver hum falso gosto,
 Logo atraz d'elle vem maior desgosto.

Adeos, ó Galatêa, mas que digo!
 Chidei que tinha ainda o nome antigo
 Mas não deves ter já o nome de humana,
 Sendo leão feroz, xibora insana:
 Ficaste embora em paz; e só te peço
 De mim t' esqueças, que eu de ti m' esqueço;
 Sim, farei que não tomes a lembrar-me
 Para querer-te, nem para vingar-me:
 E poderemos só ficar lembrados
 Do exemplo, com que fomos doutrinaados;
 Mas vê quanto differem as doutrinas,
 À que tu te dei, daquella, que me ensinas:
 Tu me ensinaste a ser fiel, constante,
 Tu me ensinaste a ser falso, inconstante;
 Mas nunca me lequiste a lealdade,
 Nem eu tube seguir-te a falsidade;
 Porém esta doutrina, inda que inutil,
 Estimo-a, por que em parte me foi util:
 Se ate aqui das Pastoras não fugia,
 Por que a sua traçã não conhecia,
 Já dellas fugirei de zenganoado,
 Como quem foge do animal damnado:
 Longe, longe de mim, impias traímas;
 Ide viver com feras dezumanas:
 Em fim, parto a morrer: Adeos, Pastora,
 Adeos, impia: Adeos, falsa, Adeos, traidora.

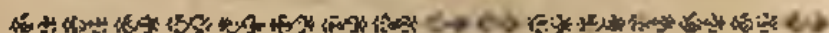
SONETO.

Novo exemplo aqui tens, cego profano,
Que incensas os Altares da vaidade,
Aqui te mostro a estrada da verdade,
Por onde ao Templo vae do dezugano:

De Polifemo, o lamentavel damno :
De Galatêa a horrenda falsidade
Te excitam a fugir da crueldade,
Que he premio certo d'este author tiranno :

Elle confunde os bens, a honra obscurece,
O successo perturba, arrisca a vida,
E o coração mais livre assalta, e rende.

A! Destroe essa mau fera, homicida,
Rompe os duros grilhões, com que te prende,
Quebra-lhe as fetras, ficará vencida.



PROTESTAC, AM DO AUTHOR.

UZo das palavras Decozes, Fado, e de outras similhantes, como necessarias para adorno da composição Poetica, e não com intenção de offender a nossa Santa Re, nem aos dogmas da Santa Igreja Apostolica, a quem me sujeito com a maior submissão, como seu obediente filho.